

A «Nova Direita» e a Educação (III)

Afirmar-se que ?o sistema de saúde francês é quase tão caótico como o nosso e a crise do sistema escolar e a praga das reformas e do insucesso também? (?), sem qualquer tipo de explicitação do seu conteúdo, é um exemplo deste tipo de discurso caracterizadamente «nova direita» e intencionalmente produzido para provocar a desarticulação dos sistemas actuais em benefício dos que possuem as condições para impor as suas ideologias e os seus valores.

A leitura dos jornais constitui um óptimo exemplo acerca do modo como os discursos neoliberais e neoconservadores têm vindo a abordar a educação escolar, reclamem-se ou não daquela ampla coligação implícita. Desde artigos de opinião cuidadosamente programados e a cargo de personalidades claramente referenciadas no panorama político, académico e jornalístico, até peças jornalísticas concebidas a partir de estudos ou relatórios provenientes de instâncias supranacionais tais como a Comissão Europeia, a OCDE e a UNESCO (entre outras), somos constantemente bombardeados com aquilo que alguns designam por «*new speech*» mas que bem poderíamos designar, talvez mais bem a propósito, como «*discursos assassinos*» sobre o que consideram ser o estado da educação em Portugal.

Para se compreender o significado do que acabo de afirmar basta ler atentamente os artigos de opinião de personalidades como Mário Pinto, António Barreto e Helena Matos (para citar apenas alguns) e os editoriais de José Manuel Fernandes (e só me refiro ao jornal Público?). Através deles ficamos a saber que nada do que é serviço público tutelado pelo Estado funciona adequadamente, constituindo a *educação* e a *saúde* campos (apetecíveis por sinal à voragem do capital) considerados como de autêntico sorvedouro dos dinheiros dos contribuintes (argumento que seduz qualquer senso-comum). Afirmar-se que ?o sistema de saúde francês é quase tão caótico como o nosso e a crise do sistema escolar e a praga das reformas e do insucesso também? (Graça Franco, Público, 7 de Março de 2005), sem qualquer tipo de explicitação do seu conteúdo, é um exemplo deste tipo de discurso caracterizadamente «nova direita» e intencionalmente produzido para provocar a desarticulação dos sistemas actuais em benefício dos que possuem as condições para impor as suas ideologias e os seus valores.

É neste sentido que tem de ser entendido um dos argumentos mais divulgados nos últimos tempos por estes sectores mais radicais do pensamento *neo*: o da *falta de eficácia e de eficiência* da escola, face ao elevado investimento público que alegadamente tem vindo a ser feito no campo desde 1974, ou seja, na «*era democrática*». Fundamentam o problema com os «*maus*» resultados obtidos pelos nossos alunos em provas internacionais, nomeadamente as que integram o PISA (competências de leitura e de resolução de problemas). Para inverter tal situação defendem a necessidade de introduzir «*processos rigorosos de avaliação dos alunos, das escolas e dos professores*», mas aliados à alienação das competências do Estado na produção das ofertas educativas, pois, em sua opinião, o problema estaria no modo como as práticas educativas se processam (influenciadas ? nefastamente - pelas chamadas «*ciências da educação*» e por «*modas pedagógicas*» por elas construídas e/ou induzidas) e pelo carácter monopolista de Estado que caracteriza a oferta educativa. O corporativismo dos professores e das estruturas que os representam, o poder (e protagonismo) de técnicos estrategicamente colocados ao longo das últimas décadas nas estruturas do Ministério da Educação, o centralismo do ME, o monopólio da oferta de educação por parte do Estado e a emergência das Ciências da Educação, constituem os factores considerados como estando na base do «estado caótico» a que se chegou no campo da educação.

Como se vê, a ideia é fazer passar um discurso que, fundado em factos alegadamente indesmentíveis, e, portanto, inquestionáveis, transmitam a imagem de catástrofe e de caos no campo. E para tal torna-se necessário criar um discurso suficientemente claro e transparente e repeti-lo incessantemente nos principais meios de produção e divulgação da chamada opinião publicada, criando assim a necessária base de apoio para a instauração da ordem económica e política que defendem e os fascina. Como escreveu Karl Marx em «*Contribuição para a Crítica da Economia Política*», ?Nada é mais fastidioso e árido do que o *locus communis* possesso de delírio.?